



# 2005

## Discursos do Presidente da Liga dos Combatentes

### ÍNDICE

(Clicar com o rato na data para abrir o discurso pretendido)

[08.01.2005](#) – Protocolo com o MDN-Programa “Liga Cemitérios e talhões”

[09.04.2005](#) – Dia do Combatente – Batalha

[10.04.2005](#) – Inauguração de Monumento na Maia

[16.09.2005](#) – Homenagem ao Coronel Maçanita

[05.10.2005](#) – Inauguração de Monumento no Pico

[15.10.2005](#) – 82.º Aniversário da Liga dos Combatentes

[27.11.2005](#) – Inauguração de Monumento no Entroncamento

[15.12.2005](#) – Mensagem de Natal

## PROTOCOLO DA LIGA DOS COMBATENTES COM O MDN PARA CUMPRIMENTO DO PROGRAMA “LIGA CEMITÉRIOS E TALHÕES”

8 de janeiro de 2005

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmo. Senhor Ministro de Estado, da Defesa Nacional e Assuntos do Mar

Exmo. Senhor Secretário de Estado da Educação

Presidente do Núcleo do Porto da Liga dos Combatentes

Ilustres convidados

Meus senhores e minhas senhoras

Nesta cidade do Porto, que foi sede da Junta de salvação Nacional e da Cruzada das mulheres portuguesas em apoio dos combatentes da Grande Guerra, de cujos valores, princípios e ações a Liga dos Combatentes é legítima herdeira, recebe a Liga dos Combatentes, na sede do seu núcleo desta cidade, o Ministro de Estado da defesa nacional e dos assuntos do Mar Dr. Paulo Sacadura Cabral Portas com uma preocupação expressa: - a dignidade dos lugares no mundo, onde existem sepultados mortos por Portugal.

Na primeira quinzena de outubro a Liga dos Combatentes apresentou à consideração V. Ex.<sup>ª</sup>, Sr. Ministro, um conjunto de programas que apelidou de Programas Estruturantes. Nas palavras que pronunciou no dia da Liga, a 16 de outubro, assinalou V.<sup>ª</sup> Ex.<sup>ª</sup> esse facto, referindo que tinha em cima da sua secretária essas propostas e que iria tomá-las em consideração em futuro reunião com o Presidente da Liga dos Combatentes.

Em 16 de dezembro formalizou V.<sup>ª</sup> Ex.<sup>ª</sup> o despacho sobre os quatro Programas Estruturantes apresentados. Hoje trata-se de formalizar a assinatura do Protocolo referente a um desses Programas Estruturantes.

Este Programa que designámos por “Liga Cemitérios e Talhões” tem como finalidade garantir, durante os próximos quatro anos, um apoio financeiro que permita, não só acorrer a algumas situações nacionais, mas sobretudo, apoiar um plano de levantamento e acompanhamento das necessidades existentes na Europa, em África e na Ásia, bem como a dignificação e posterior manutenção dos cemitérios existentes no estrangeiro, onde se encontram sepultados militares portugueses.

O esforço das Forças Armadas e as ações pontuais e esporádicas desenvolvidas até hoje, nunca foram enquadradas num plano conjunto, apoiado por vontade política, nem tão pouco lhe foi dedicado um orçamento. A Liga dos Combatentes com o esforço próprio e o apoio das autarquias tem garantido a dignidade de 217 talhões e 80 ossários em território nacional onde estão sepultados antigos combatentes.

No resto do mundo encontram-se referenciados em França e em cemitérios alemães, em Angola, Moçambique, Guiné, Timor, Índia e Macau.

Com a finalidade acima enunciada, foi ativado há cerca de um ano um Grupo de Trabalho, cuja direção foi pelo MDN, atribuída à Liga dos Combatentes e composto por elementos do MDN, do EMGFA e dos três Ramos das FA esperando-se em breve poder contar com um elemento do MNE e que produziu trabalho que nos permitiu estar aqui hoje. Com a noção nítida da complexidade,

dificuldade e exigência operacional que o desenvolvimento de um plano como este exige, entendemos que era altura de, não obstante, a necessidade de continuar a recolher elementos e a definir o conceito de ação face a cada situação concreta, era altura, dizia, de passar à ação.

Referiria apenas para ilustrar essa complexidade. Que em Angola, embora concentrados em Luanda existem combatentes (1346) sepultados em 163 locais; em Moçambique (1053) em 155 locais e na Guiné (630) em 53 locais. Apresentámos por isso um plano, que podia ser, financeiramente, mais ambicioso, mas que entendemos dever ser realista face à situação atual. Este é um tema delicado, sentimental e subjetivo, que toca a alma da Nação portuguesa e que os portugueses consideram certamente, que já deveria ter tido um tratamento bem mais objetivo.

A atribuição a este programa, pelo Governo, de 600.000 euros, distribuídos por quatro anos e que é feito pela primeira vez, após trinta anos do fim da guerra é muito significativo e muito importante para os combatentes e certamente para os portugueses em geral. Este é um programa, como disse, que toca a todos os portugueses. A Nação como um todo. Todos dormirão melhor se sentirem que os seus mortos, os que caíram pela Pátria, hoje espalhados pelo mundo, se encontram em cemitérios dignos e cuidados em permanência. É um problema que necessitando do interesse do MDN e das Forças Armadas, necessita igualmente do interesse do MNE pois há ainda suscetibilidades políticas a ultrapassar e há diligências que exigem a anuência e o apoio logístico de países amigos.

Mas é também nitidamente um problema que justifica, para além do esforço do Estado através do governo, o empenhamento da sociedade civil e de organizações não-governamentais no apoio financeiro a este Programa. Trata-se afinal de cuidar dos portugueses mortos na calamidade da guerra. A liga dos Combatentes está aberta a receber contribuições nesse sentido.

O Protocolo que hoje a Liga dos Combatentes assina com o MDN neste seu Núcleo do Porto, deverá transformar o Grupo de Trabalho a que presido e do qual é coordenador o senhor Major-General Camilo, Vice-presidente da Liga, numa verdadeira Comissão Executiva. Tal deverá exigir dos órgãos institucionais que compõem o referido Grupo de Trabalho o seu empenhamento total e o assumir das responsabilidades que a cada um competem. Estas só podem ser assumidas com a presença e empenhamento efetivo dos elementos nomeados.

Termino afirmando o reconhecimento da Liga dos Combatentes e dos combatentes em geral pelo apoio concedido pelo governo, na pessoa do senhor Ministro de estado da Defesa Nacional e dos Assuntos do Mar, para que este Programa pudesse sair do papel e se pudesse passar à execução.

O Presidente da Liga dos Combatentes  
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

## DIA NACIONAL DO COMBATENTE

9 de abril de 2005

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Senhor Ministro da Defesa Nacional, Dr. Luís Amado, Excelência Digna-se Vossa Excelência juntar-se a nós, neste Dia do Combatente. Junta-se aos que aqui estão presentes neste lugar histórico, aos que em todo o país, localmente, evocam e sentem este dia e aos que, ao longo da nossa História, se bateram por Portugal e aqui estão connosco em espírito. As três figuras emblemáticas de Afonso Henriques, Nuno Álvares Pereira e de um Soldado que, a meio, guarnecem a obra monumental que é o Lampadário que ilumina a sepultura dos Soldados Desconhecidos são, desde há 84 anos, o símbolo do universo permanente daqueles com quem nos encontramos nestas evocações.

A presença junto de nós, do mais alto representante da Defesa Nacional, é acontecimento que enriquece quem a isso conscientemente se predispõe, enobrece quem recebe a honra da presença, mas sobretudo dignifica Portugal. Em nome da Liga dos Combatentes e das Associações que neste momento representamos, nomeadamente a ADFA, a APOIAR, a Associação de Comandos, a ANCU, a ACUP, a APVG e a Associação dos ex-Prisioneiros da Índia, apresento a V. Ex.<sup>a</sup> um profundo reconhecimento por, embora ainda no início das suas importantes funções, se ter dignado estar presente neste dia.

Presença que interpretamos, não como presença protocolar, mas como sinal orientador da importância e significado que lhe merece o Homem Combatente e os seus problemas. Aliás, como o assinala o próprio programa do Governo. Senhor Vigário Castrense, Excelência Reverendíssima Permita-me uma referência e um agradecimento muito especial a quem, desde há quinze anos, nos acompanha sistematicamente nestes dias de evocação e de memória. A sua presença mais uma vez é reconfortante, prestigiante e testemunho da compreensão que lhe merece o último esforço do Homem na defesa dos Valores que fazem as Pátrias e as Nações. Celebra-se hoje o Dia do Combatente. O dia dos que combatem ou combateram, ou estão ou estiveram preparados para o fazer.

Dia dos que, em qualquer momento ou circunstância do seu país, procuraram ou procuram a Vitória. Mas hoje é sobretudo, o dia dos Soldados. Dos soldados anónimos, mas também dos seus chefes, quantos deles igualmente anónimos. É dia de um estado de espírito, de um estado de alma, de uma condição o ter defendido os interesses de Portugal quando se tornou necessário o emprego da força. É dia de estropiados, cegos, mutilados, esfrangalhados pela guerra, mas fortalecidos e enriquecidos pelo sentimento do dever cumprido. É dia desses Soldados Desconhecidos que, ao longo da História, contribuíram para a sobrevivência do seu país nas situações de maior risco.

Risco que, para alguns, os acabou por transformar em pó, mas que jamais sairão da nossa memória coletiva. É desses, a quem as circunstâncias da vida levaram a "perigos e guerras esforçados" e nesses perigos e nessas guerras deram a vida ou a arriscaram, a quem prestamos mais uma vez homenagem.

Sim, porque se não se pode deixar esquecer o que foi Grande. Nas Derrotas e nas Vitórias.

O mar vermelho da Guerra é formado por gotas de sangue de familiares e amigos. O ter ido à guerra e ter voltado, sem o contributo da nossa gota de sangue final, é vitória que nos une pela vida fora e nos permite reconhecer o Valor dos que a deram. Há precisamente 87 anos que este dia marcou profundamente a nossa História contemporânea. Nesse dia perdia-se uma batalha. Nesse ano ganhava-se uma guerra. Chamaram-lhe Grande Guerra. E foi grande nos seus efeitos e nas suas consequências.

O ano de 1917 e o dia 9 de abril de 1918 seriam inscritos na História de Portugal e das Forças Armadas como o feito de armas em que, proporcionalmente aos efetivos empenhados, as Forças Portuguesas mais perdas tiveram ao longo da sua História. Portugal e a República tremeram. Os Portugueses choraram e durante anos foi dia de luto nacional. A vida parava, os comboios deixavam de circular e os Portugueses descobriam-se em memória dos que pereceram nesta catástrofe. Mesmo assim o apoio aos que regressavam feridos, mutilados ou gaseados não surgia. Por isso, a Liga dos Combatentes nascia. A instabilidade política que reinou na retaguarda aprofundar-se-ia com a guerra e suas consequências, e o país cairia mais tarde num regime de autoridade que só o 25 de Abril viria a interromper. A nossa entrada na guerra e o 9 de abril de 1918 marcaram profundamente a nossa História, ao longo de todo o século XX e até aos nossos dias.

A 7 de abril de 1921, três anos depois, dois desses soldados desconhecidos que se bateram em África e na Flandres eram trasladados do Arsenal da Marinha e recebidos em grandiosa homenagem no Congresso, com a presença do Presidente da República, Dr. José António de Almeida, do Governo, do Senado, da Câmara dos Deputados, das Forças Armadas, de representantes da Igreja e de delegações estrangeiras do mais alto nível, seguindo em cortejo triunfal até à estação do Rossio e daí até Leiria, a partir de onde seguiram para o mosteiro de Santa Maria da Vitória, na Batalha, aqui chegando a 9 de abril.

Nesse dia seriam condecorados com o grau da Grã-Cruz da Ordem da Torre Espada, do Valor, Lealdade e Mérito, com a medalha de Ouro de Valor Militar e com a Cruz de Guerra de 1.ª classe os Soldados Portugueses Desconhecidos. Desde então até hoje, nunca os combatentes deixaram de evocar este dia, aprofundando e alargando o seu significado. Primeiro sob a responsabilidade da Comissão dos Monumentos da Grande Guerra. Depois, a partir de 1936, sob responsabilidade da Liga dos Combatentes, que assumiu a passagem de testemunho moral e institucional e se comprometeu a: promover uma Romagem anual à Batalha, em 9 de abril; manter o culto do azeite votivo; e garantir a guarda e conservação do Museu das Oferendas. A 2.ª Guerra Mundial, mas, fundamentalmente, em termos nacionais, a Guerra do Ultramar de 1960 a 1974, vieram reinstalar feridas profundas entre os que, direta ou indiretamente, viveram situações de guerra e sofreram as suas consequências.

Não somos pequenos demais para evocar esses maiores! Sentimos mesmo que, em alguns momentos da nossa vida, estivemos entre eles. Fomos cidadãos fardados. Fomos soldados. Fomos e somos Combatentes. Por Portugal e pela Liberdade. Como o foram e são outros portugueses nos mais variados setores da vida nacional.

A nós coube-nos fazê-lo da forma mais difícil e dolorosa. Por isso algo de muito profundo nos une. Como soldados de Portugal nunca atacámos ninguém! Como soldados de Portugal sempre defendemos alguém! Conosco Portugal não foi, nem será, um país da não inscrição. Conosco Portugal acontece.

Mas no dia de hoje permita-me uma evocação abrangente da condição e do espírito de Combatente, recorrendo ao poeta quando afirma em poema que intitulou de "Todas as Armas":

*A tua arma é a escrita  
A tua poesia o não  
Enquanto escreves liberdade  
Temos outras armas na mão...  
As armas da força expedita  
Armas, Liberdade e Razão  
Armas que permitem à escrita  
Dizer livremente... sim... não.  
Pátria é a visão infinita  
Dos que a têm no coração  
Seja com caneta, marmita  
Com escrita ou força de canhão.*

Minhas Senhoras e meus Senhores

Hoje, como no ano transato, juntando a nós outras associações em que Combatentes se veem representados, comemorando connosco o Dia do Combatente, evocamos todos os Soldados Desconhecidos. Assim tem sido e continuará a ser. Sempre com a confortante presença de altas entidades civis e militares. Nos outros o Soldado Desconhecido ficou nas capitais. Em Portugal deu-se-lhe relevo, tranquilidade e valor, no Monumento da nossa Independência. No monumento das nossas Vitórias e também das nossas Derrotas. Porque é de umas e de outras que é feita a História de um povo. No monumento onde nunca mais deixou de arder a Chama da Pátria.

E é evocando aqueles que, em circunstâncias normalmente muito difíceis, contribuíram para que essa História tenha séculos e os que hoje vivem, dela se orgulhem, que aqui estamos hoje. Evocando o passado difícil, mas glorioso, mas o futuro que queremos em segurança, com desenvolvimento económico e social, em paz, liberdade e com um sentido patriótico.

Desiludam-se aqueles que pensam que o patriotismo é fenómeno do passado. Continuam brotando por esse país fora padrões que o sentimento do povo e dos seus representantes exige sejam erguidos aos que consideram terem sido dos seus maiores.

Amanhã estaremos na Maia, na inauguração de mais um monumento aos mortos da Guerra no Ultramar. Seguir-se-ão Santar, no distrito de Viseu e Vila Praia de Âncora.

No dia 23 de abril serão os açorianos, com o apoio do Governo dos Açores, a fazerem-no em Ponta Delgada. Em 25 de Abril em Oliveira do Bairro, com o apoio do Presidente da Câmara local. Seguir-se-ão Maiorga e Pisões no distrito de Alcobaça, o Entroncamento e outros.

Sabemos que, hoje, ser Combatente é estar disponível para prevenção e manutenção da Paz, embora continuando preparado para fazer a guerra, se necessário. Mas as ameaças transnacionais que hoje se colocam aos povos exigem dos seus Combatentes profissionalismo e conhecimentos profundos dos princípios que previnam e garantam a Paz em Liberdade. Essas ameaças, se bem que graves, não são ainda motivo para justificar todos os meios. Em termos militares são mesmo ameaças menores.

A resolução dos problemas da segurança nacional e do crime organizado e a sua prevenção, não exige ainda que se ponha em causa a paz social, a liberdade e garantias individuais.

Caros Combatentes:

O Dia do Combatente é o dia em que o Homem Combatente reafirma a sua permanente disponibilidade.

Hoje é 9 de abril.

Hoje é dia dos Homens de Ourique, de Aljubarrota, da Restauração, da Grande Guerra, de La Lys, de Nambuangongo, do 25 de abril e de tantos outros.

Hoje é dia de Memória. Hoje é dia de Presente.

Hoje é dia de confiança total no futuro de Portugal.

O Presidente da Liga dos Combatentes  
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

## INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO NA MAIA

10 de abril de 2005

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Ontem, dia 9 de abril, junto ao túmulo dos Soldados Desconhecidos, na Batalha, evocámos no Dia do Combatente, todos os que ao longo da nossa História serviram Portugal nos momentos mais difíceis da sua existência.

Aqueles em que os responsáveis políticos decidiram recorrer à força para a resolução dos conflitos que tivemos de enfrentar.

Hoje na Maia, como tem sido ao longo de todo o Portugal e, com admiração de muitos, não obstante o tempo que nos vai separando dos acontecimentos continuará a acontecer, um punhado de portugueses, antigos combatentes, apoiados pelas entidades autárquicas locais, decidem levantar um padrão muito próprio, muito seu, porque aos seus mais chegados diz respeito.

Nesta Terras da Maia, berço de Combatentes, Bispos-Guerreiros e Lidadores. Terra pré-histórica. Terra romana nos caminhos de Santiago. De Praças e Palcos de História de Portugal, hoje enriquece. Enriquece o Património Cultural Maiano. Acrescentam-se pedaços da nossa memória coletiva à sua identidade cultural. Hoje enriquece a milenar riqueza das terras do Lidador.

Inaugura-se um Monumento aos Combatentes da Guerra do Ultramar. À memória daqueles que se juntam aos guerreiros afonsinos, aos fronteiro-mor e adiantado do reino de Afonso Henriques. A muitos dos que como estes, lutando com valentia tiveram uma morte heroica.

Os que aqui nos encontramos hoje e somos responsáveis pela conservação da memória coletiva, tivemos a felicidade de não termos alimentado o mar vermelho da guerra com a gota final do nosso sangue e por isso respeitamos e admiramos, como ninguém, a memória daqueles que o fizeram.

Fomos um dia cidadãos fardados. Fomos um dia soldados. Fomos e continuamos a ser combatentes por Portugal. Exteriorizamos com frequência e da melhor forma, a honra que temos em termos cumprido um juramento.

Hoje uma palavra muito especial aos Combatentes da Maia que saúdo. E aos Combatentes do Batalhão 114 que aqui hoje se reúne, revivendo Angola, os Dembos e Quicabo e a quem cumprimento na pessoa do senhor Major-General Mário Lemos Pires e a quem igualmente peço transmita ao senhor General Oliveira Rodrigues, ao tempo Comandante deste Batalhão o meu apreço e reconhecimento pelo exemplo e referência que sempre foi para os militares da minha geração.

É desta forma pública, moldando de uma forma artística um sentimento profundo do homem que se bateu, ultrapassando ou não a morte, que o passado quer, no presente, deixar uma mensagem à juventude e ao futuro.

A pedra dura, como dura foi a vida nesses momentos, ajudará a memória coletiva a sustentar no tempo, os diferentes pedaços que ajudam a formar a identidade nacional.



Estes padrões, estes monumentos, não podem, não devem ser monumentos mortos. Devem tornar-se lugares de visita e de culto dos valores permanentes dos portugueses em especial dos mais novos. Aqui recorda-se a vida real, o conflito permanente que nos rodeia e buscam-se exemplos de como os resolver com honra, quando e se necessário. Aqui buscam-se pedaços da nossa História.

Eles ajudarão a compreender e a ultrapassar as dificuldades do próprio presente. Eles ajudarão a ter confiança e a fortalecer as forças morais que devem sustentar as soluções do futuro.

É por isso que a Maia está de parabéns. É por isso que a Liga dos Combatentes, o seu Presidente e os Combatentes em geral se congratulam com esta iniciativa.

Iniciativas que são a demonstração plena de patriotismo, culto da nossa história, respeito pelos valores vitais da sociedade portuguesa e que nascendo na base da pirâmide, brotam e vão de encontro aos sentimentos mais genuínos dos portugueses.

Aqui, na Maia, mais uma vez, Portugal acontece.

E o presente maiano, buscando tranquilidade e grandeza nas mais profundas raízes da própria nacionalidade, ao mesmo tempo que alimenta a sua identidade, alimenta com este padrão a continuidade de um Portugal Substantivo que não esquece os seus maiores.

O Presidente da Liga dos Combatentes  
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

## HOMENAGEM AO CORONEL MAÇANITA

16 de setembro de 2005

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal de Portimão

Ilustres Convidados

Minhas Senhoras e meus Senhores

Combatentes

O dia 16 de outubro ficará assinalado na história recente e futura do Município de Portimão, como mais um dia em que se praticou um ato de justiça. A sociedade civil, representada pela Câmara Municipal de Portimão, presta pública e duradoura homenagem a um seu filho, no caso um militar. Mais propriamente a um combatente. Concretamente a um combatente que cedo reconheceu ser a Liga dos Combatentes a única instituição onde poderia continuar a sua missão de combatente, tornando-se seu membro e destacado dirigente.

Homenagem, com a particularidade que lhe dá maior significado e sentido de oportunidade, de ser praticada em vida do homenageado e não como muitas vezes acontece, para lá do tempo.

Está por isso de parabéns V.<sup>ª</sup> Ex.<sup>ª</sup> senhor Presidente da Câmara Municipal de Portimão e está de parabéns o Núcleo de Lagoa/Portimão da Liga dos Combatentes pela iniciativa, pelo apoio a ela dado e pelo reconhecimento público que entenderam dar a uma figura militar da história da guerra do ultramar 1961-1974: - O senhor Coronel Maçanita. Reconhecimento que o General Chefe do Estado-maior do Exército entendeu dar, fazendo-se representar pelo senhor Comandante da Região Militar do Sul a quem peço transmita ao senhor General CEME os nossos agradecimentos pela distinção.

Acabámos de ouvir as intervenções suficientemente elucidativas do profundo sentimento e carinho que evoca a personalidade do homenageado e os feitos a ela associados. Sentimento que no Portugal Profundo é extensível a toda a epopeia que àqueles feitos se seguiu. Como Presidente da Direção Central da Liga dos Combatentes compete-me dar testemunho de reconhecimento nacional da figura de combatente do senhor Coronel Maçanita, que a história militar já inscreveu, mas que ele prolongou, para além do tempo obrigatório que lhe reservou toda uma vida militar, na defesa dos valores patrióticos e de solidariedade, na Liga dos Combatentes, onde foi durante anos Presidente do Núcleo de Portimão e de que é ainda hoje seu presidente honorário.

Foi nessa Instituição, em cuja grandeza alguns tropeçam e que nem se dão conta que desfralda no seu estandarte nacional a Torre Espada de Valor, Lealdade e Mérito, do Valor Militar, da Cruz de Guerra 1.<sup>ª</sup> Classe, de membro Honorário da Ordem do Infante D. Henrique, da Grã-Cruz de Benemerência da Cruz Vermelha, que o senhor Coronel Maçanita se juntou a tantos outros da sua estirpe e ela igualmente enriqueceu com o seu valor, a sua lealdade, o seu mérito e a sua lucidez de espírito. Foi na Instituição Liga dos Combatentes que ele encontrou o lugar onde os valores superiores por que se bateu como cidadão e militar, podiam por ele continuar a ser vividos e defendidos.

Instituição secular que se espalha por todo o país e no estrangeiro, em 64 Núcleos, com 154.000 membros inscritos, desde sempre uma verdadeira instituição de combatentes de representatividade nacional e que aqui no Algarve se estende de leste a oeste, de Olhão a Loulé,

de Tavira a Faro e de Lagoa/Portimão a Lagos e que há mais de oitenta anos aqui defende os valores e protege os combatentes que Portugal teve nos conflitos que enfrentou ou tenha que enfrentar.

Assumimo-nos portanto também aqui como uma verdadeira instituição de Combatentes do Algarve e com os seus homens e mulheres sempre contámos na prossecução dos nossos objetivos: desde o início, e sem um único dia termos fechado as portas, ou aberto vazios, fosse qual fosse o regime, o apoio social aos mais carenciados e suas viúvas, nomeadamente os mutilados, gaseados ou com stress de guerra e a defesa intransigente dos direitos dos vivos, jovens e idosos e dos valores espirituais, morais e históricos de Portugal.

Sabe o senhor Coronel Maçanita, como poucos, como é fácil, nesta área, proclamarem-se supostas bandeiras e definirem-se objetivos a atingir. Sabe, como poucos, como é difícil atingi-los. Mas lutou sempre dentro da Liga dos Combatentes. Não foi necessário dela sair para se continuar a bater pelos direitos e deveres dos seus membros ou dos combatentes em geral. Este exemplo é importante ser apontado, como mais uma das suas virtudes, assim como é hoje importante conscientemente reconhecer e afirmar que os combatentes não devem deixar transformar-se em artigo de consumo político ou comercial. Devem unir-se para procurar ser fortes na defesa da resolução dos seus problemas comuns, evitando pulverizações escusadas por mais constitucionais que sejam.

Distingue-se hoje um homem combatente. Distingue-se um chefe militar e um membro da Liga dos Combatentes. Nessa distinção estão, em particular as autoridades civis de Portimão e os combatentes. É uma oportunidade ímpar de demonstração da imprescindível cooperação que importa garantir exista entre os órgãos da Liga dos Combatentes e as entidades da administração pública. É um nosso imperativo estatutário e eu felicito-me por isso.

Permita-me senhor Presidente que reforce os anseios manifestados pelo senhor Presidente do Núcleo de Lagoa /Portimão quanto à materialização de um Monumento e um talhão no cemitério da cidade. Termino, dirigindo-me a V.<sup>ª</sup> Ex.<sup>ª</sup> sublinhando na pessoa de V. Ex.<sup>ª</sup> todo o nosso respeito pelo esforço, silencioso sofrimento e coragem das mulheres e mães dos combatentes portugueses. Os nossos sinceros parabéns, pelas justas homenagens públicas, que se estão processando na pessoa de seu marido, senhor Coronel Maçanita.

Meu Coronel, sabe muito bem, e felizmente sentiu-o em vida, que tem um lugar na História da Liga dos Combatentes e na História recente do Exército Português. Agora na História da Cidade que o viu nascer. Sinceros Parabéns.

O Presidente da Liga dos Combatentes  
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

## INAUGURAÇÃO DE MONUMENTO, ILHA DO PICO, AÇORES

5 de outubro de 2005

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmo. Senhor Presidente da Assembleia Regional dos Açores  
Exmo. Senhor Comandante da Zona Militar dos Açores  
Exmo. Senhor Deputado do Parlamento Europeu  
Exmos. Senhores Deputados da Assembleia Regional dos Açores  
Exmo. Senhor Presidente da Assembleia Municipal  
Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal de S. Roque  
Exmo. Senhor Presidente do Núcleo de Angra do Heroísmo  
Minhas Senhoras e Meus Senhores  
Caros Combatentes

Venho de longe.

Uma vez mais estou no Portugal profundo.

Aquele que melhor sabe compreender as dificuldades e os desafios que se colocam à sua terra e aos seus, quando se trata de defender o bem comum.

Hoje no Pico, esta natural sentinela atlântica que o fogo ergueu ao céu, dando-lhe um perfil imponente e majestoso, Portugal mais uma vez acontece. Acontece entre gente forte, dominadora da sua própria geografia e que sempre soube encontrar novas alternativas de vida perante as dificuldades e as circunstâncias.

Os Picarotos, com a presença e apoio de entidades altamente responsáveis, tocados pelo mesmo sentimento que une a generalidade dos portugueses, decidiram praticar um ato de reconhecimento para com conterrâneos seus, por atos praticados em determinado momento das suas vidas.

Atos de grandes sacrifícios e heroicos que a uns tirou as vidas e a outros permitiram que possam ainda hoje ser testemunhas diretas ou indiretas desses factos e possam vir aqui hoje e afirmar:

- Eu vi, eu estive lá.
- Eu sei, meu filho ficou lá.
- Eu senti, meu marido foi ferido em combate.
- Eu sei, meu pai contou-me.

Só assim compreendo a presença de tantas e tão ilustres personalidades, civis, militares e religiosas e da população que hoje aqui nos acompanha. Sempre que foi necessário e o poder político entendeu estarem os interesses vitais de Portugal em perigo, alguém teve que estar disponível para de armas na mão defender Portugal. Testemunha-se mais uma vez no país, hoje com o regozijo de toda a população do Pico, uma profunda gratidão.

Através de uma simples obra moldada pelo saber, arte e técnica com que os artistas procuram fotografar os sentimentos mais profundos que tocam as gentes, nos momentos difíceis da sua existência como povo, ergue-se um monumento. Um monumento que se pretende seja um

monumento vivo. Que os pais e avós saibam explicar aos filhos e netos e estes transmitir aos seus vindouros para que a história se faça naturalmente, sem esquecimentos, sem omissões e fundamentalmente sem deturpações ou acusações aos que simplesmente cumpriram um dever.

A Liga dos Combatentes que no próximo dia 15 vai comemorar os seus 82 anos é a instituição do País responsável por todos os Monumentos erguidos em honra dos combatentes da primeira Grande Guerra e da Guerra do Ultramar e são já cerca de 200.

Recentemente, em junho passado, tive a honra de participar na inauguração de um significativo monumento em Ponta Delgada e noutras cerimónias semelhantes ao longo do país. Contrariamente ao que alguns afirmam não se trata de revivalismo colonialista. Trata-se de revivalismo patriótico e do mais saudável portuguesismo.

Como disse o Senhor Presidente da República recentemente “Povo que não respeita a sua memória não tem futuro”.

Hoje, no Pico homenageamos os que se viram em determinado momento das suas vidas, obrigados a deixarem a lava e naturais vinhas das suas terras, os marfins e atuns dos seus mares, a procissão de nossa Senhora da Boa Viagem, Vila Madalena, Lages, São Roque do Pico, enfim, para em regiões longínquas, tropicais e em conflito darem testemunho do seu portuguesismo e do seu patriotismo.

A esta estátua de beleza natural que é o Pico e que as suas gentes apelidam de mais bela e extraordinária ilha dos Açores, junta-se hoje mais um marco que testemunha serem os Picarotos tão grandes como os maiores e deram e darão a vida se necessário for, por Portugal.

É por isso que, o Presidente da Liga dos Combatentes tem muita honra em ser testemunha ocular desta homenagem aos melhores homens do Pico e aqui traz o sentimento de todos os combatentes: - o sentimento do dever cumprido e por isso o desejo de que, em permanência, lhes seja garantida a dignidade que merecem.

O Presidente da Liga dos Combatentes  
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

## 82.º ANIVERSÁRIO DA LIGA DOS COMBATENTES

15 de outubro 2005

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Caros Combatentes

Comemorar um aniversário implica normalmente festa, reunião familiar ou de amigos, congratulação com o tempo passado e com os sucessos obtidos e votos de continuação de longa vida, por muitos anos e com iguais ou melhores sucessos. É isso que procuramos ter aqui hoje. Uma reunião de amigos, a quem agradecemos profundamente a presença e em que se não esquecem os que já partiram, mas sobretudo uma festa, em que damos relevo ao que fomos e ao que somos, tendo disso orgulho, dando disso testemunho e, de sorriso nos lábios, porque não, procuramos ajudar a desenhar o futuro.

Aqui, com a certeza de que comemoramos um aniversário que nos ultrapassa a nível pessoal e que está para lá da nossa dimensão terrena, pois festejamos o aniversário de uma Instituição perene. Uma Instituição onde aquilo que nos uniu e nos une foi e é, a condição militar. A única condição que nos levou em determinado momento da nossa vida, a jurar perder esta se necessário fosse, por Portugal. É isso que nos torna ou tornou diferentes em determinados momentos das nossas vidas. Enquanto combatentes não fomos, nem somos funcionários. Muito menos funcionários armados.

Quando, como combatentes e militares, nos apelidam de funcionários, sentimos que nos encostam ao sindicalismo. Quanto nos apelidam de funcionários armados, pouco falta para que olhem muitos de nós, como mercenários. A maior parte de nós, membros da Liga dos Combatentes, somos originários das Forças Armadas portuguesas, onde, quer com um sistema de serviço militar obrigatório, quer com o sistema de voluntariado, nunca nos sentimos funcionários da Pátria, mas sim seus leais e desinteressados servidores, cujo desígnio sempre foi e terá de continuar a ser, o sacerdócio, em luta quando necessário, pela sua dignidade. Sacerdócio único e incomparável, na sociedade, porque é o único em que se jura morrer para o salvar.

É por isso que nos orgulhamos de ter servido ou servir as nossas Forças Armadas. Um Corpo Especial na sociedade portuguesa e, por isso, com Direitos e Deveres especiais, cuja dignidade e eficácia devem ser objetivos permanentes. Dignidade e eficácia que se não reforçam, num país democraticamente maduro, com a utilização da imagem das Forças Armadas de forma menos correta, nomeadamente em programas de diversão ligeira, em que se acaba por ridicularizar o próprio povo português e seus dirigentes.

A Liga dos Combatentes, Instituição patriótica e humanitária tem sido sempre, aquilo que os seus dirigentes e associados quiseram que ela fosse e querem que ela seja, no respeito de valores superiores. Não fomos nem somos uma associação de classe. Não fomos nem somos uma associação de especialidade. Não fomos nem somos uma associação profissional. Não somos uma associação sindical. Somos uma Instituição transversal da sociedade portuguesa, onde todas essas vivências e outras se cruzam, elevando-nos a uma verdadeira síntese dos verdadeiros sentimentos, alegrias e tristezas, dos portugueses.

E se é reconhecida por todos os responsáveis uma preocupação na sociedade portuguesa ao longo dos últimos anos, quanto ao seu presente e quanto ao seu futuro próximo, esses sentimentos,

alegrias e tristezas, não deixam de ser comuns aos combatentes. Por isso, como sempre, e com a incompreensão de alguns que julgam encontrar resposta para os problemas dos combatentes na pequena capela, utilizando por vezes os combatentes como arma política e mesmo projeto comercial, os objetivos estatutários na nossa catedral, continuam sendo o nosso horizonte permanente na defesa dos legítimos anseios dos nossos membros e dos combatentes em geral, de que me permito destacar:

1. A promoção e exaltação do amor à Pátria e a divulgação, em especial entre os jovens, do significado dos símbolos nacionais, bem como a defesa intransigente dos valores morais e históricos de Portugal.
2. A proteção e auxílio mútuo e a defesa dos legítimos interesses espirituais, morais e materiais dos seus membros.
3. A promoção do ensino, da cultura, do trabalho e solidariedade social em benefício geral do país e direto dos seus associados.
4. A cooperação com os órgãos de soberania e da administração pública, com vista à realização dos seus objetivos.

Do conhecimento desses objetivos e das suas iniciativas resultará um conhecimento mais profundo e mais generalizado do que é de facto esta obra ímpar em Portugal.

Repositório de valores morais e históricos, necessita em permanência de ser dada a conhecer ao país e àqueles que, por direito próprio, têm direito de a ela pertencer, e não pertencem ainda, por desconhecimento ou conhecimento insuficiente dos seus objectivos e forma de os atingir. Mas os dias de aniversário não impedem que nos venham à mente os nossos problemas. Como portugueses devemos estar preocupados com a resolução dos problemas do país. Como combatentes estamos preocupados também com a resolução dos problemas dos combatentes, que são parte do problema global. Dos mesmos dei conhecimento ao Senhor Ministro da Defesa Nacional e ao Senhor Secretário de Estado da Defesa nos precisos termos em que os combatentes os sentem. São problemas que abrangem os combatentes em geral e não apenas os membros da Liga dos Combatentes. Encontrei sempre a porta aberta para me ouvirem e confirmarem a existência dos problemas que sabem afetam os combatentes:

- O cumprimento da lei 9/2002 e as suas consequências;
- A melhoria da rede nacional de apoio às perturbações de stress pós-traumático;
- O apoio social aos combatentes idosos.

Qualquer dos três objetivos enunciados faz parte do programa do atual governo. Posso testemunhar o interesse do Senhor Ministro da Defesa Nacional e Secretário de Estado da Defesa na resolução de uma situação que se afigura complexa. Mas igualmente posso testemunhar que a simplicidade do combatente em geral, não compreende a diversidade de situações criadas, o incumprimento da lei ou o seu cumprimento de forma diversificada, relativamente a cada caso concreto. Anseiam por informações atempadas, equidade e soluções que não deverão ser tardias. Como a esperança na resolução dos seus problemas vem de longe e as tentativas de resolução têm sido parcelares e incompletas, importa encontrar caminhos que removam sentimentos de injustiça e de insatisfação que facilmente se instalam e dão origem ao boato, ao comentário

mordaz e ao deteriorar da paz social. Uma palavra gostaria de dedicar ao que do nosso Plano de Ação fizemos e o que lançámos a médio prazo.

A Liga dos Combatentes continuou no ano em curso a cumprir os seus objetivos. Aumentou o número de sócios e o número de Núcleos e aumentou o seu património. Julgamos também ter melhorado a nossa visibilidade externa, nomeadamente através dos programas em parceria com a RTP2 e da nossa Revista Combatente de que lançamos hoje um número especial dedicado à Mulher Portuguesa na Guerra e nas Forças Armadas. Para além do prosseguimento do nosso Plano de Ação, lançámos quatro Programas Estruturantes 2005-2008:

- Programa Liga Solidária;
- Programa Liga Cemitérios e Talhões;
- Programa Cultura Cidadania e Defesa;
- Programa Inovação e Modernização.

Temos esperança, com o apoio do governo, poder prosseguir-los

Do Programa Liga Solidária destaco:

- A adaptação do Lar dos Filhos dos Combatentes no Porto a Lar para combatentes de idosos;
- A Criação de três Centros de Apoio para Idosos: Um em Estremoz, um na Covilhã e outro em Oliveira de Azeméis.

No corrente ano:

- Fizemos e pagámos os seus projetos;
- Fizemos as escrituras com as três Câmaras Municipais, que cederam terrenos com cerca de 1300 m<sup>2</sup> cada um;
- Obtivemos por despacho de 16 de setembro de 2005 do senhor Secretário de Estado da Segurança Social, o estatuto de equiparação a IPSS. Cumpre-me agradecer ao Senhor Secretário de Estado da Segurança Social a lúcida decisão, que veio reconhecer o trabalho produzido nesse âmbito ao longo dos nossos 82 anos de vida e abrir novos horizontes à Liga dos Combatentes.
- Falta-nos o financiamento para a sua construção.
- Aqui solicitamos ao senhor Ministro da Defesa Nacional e ao Senhor Ministro da Segurança Social que nos apoiem nos caminhos a percorrer para no próximo ano materializarmos este objetivo de solidariedade social, para com os mais idosos e mais carenciados.

O Programa Liga Cemitérios e Talhões prossegue conforme previsto, mas não posso deixar de assinalar algumas dificuldades políticas sentidas ao nível das relações exteriores de Angola, relativamente à beneficiação dos cemitérios de Luanda, o que tem tornado a intervenção nos cemitérios, impossível, há mais de dois anos.

Finalmente uma palavra sobre o Programa Estruturante Liga. Cultura Cidadania e Defesa. É neste Programa 2005–2008 que se integram as atividades que se desenvolveram neste Forte do Bom Sucesso, no corrente ano. Para além de atividades de âmbito Cultural desenvolveu-se, simultaneamente, ao longo dos últimos seis meses, o trabalho da reimplantação de todos os nomes nas lápides que envolvem o Monumento aos Mortos e desencadeou-se a beneficiação e manutenção das instalações do Forte que permitem que hoje possa ser inaugurado um novo espaço do Museu do Combatente bem como podermos finalmente utilizar uma área multiusos



onde decorrerá o nosso convívio. Será igualmente visível hoje o esforço de abertura ao exterior, procurando dar uma visibilidade e um sentido de utilidade pública da nossa instituição.

Entre outras assinalo as parcerias e protocolos estabelecidos de que destaco as estabelecidas com:

- A RTP 2;
- Os Conselhos das Ordens Honoríficas Militares Portuguesas;
- A Associação dos Professores de História;
- A Associação de Esgrima Histórica;
- A Associação de Simulação de Jogos de Guerra e Modelismo.
- A Associação Napoleónica;
- A Associação dos Antigos Alunos do Colégio Militar;
- A Associação dos Amigos do Museu Militar;
- A Presidência do Mosteiro dos Jerónimos/Torre de Belém com quem acordámos um projeto de protocolo de que aguardamos aprovação.

Finalmente permitam-me que assinale que festejamos hoje um dia que só encontra paralelo, nos momentos mais altos da História da nossa Instituição e que se não verificava há mais de 37 anos. Hoje é um dia verdadeiramente ímpar para a Liga dos Combatentes.

Sua Ex.<sup>ª</sup> o Ministro da Defesa Nacional decidiu louvar e Sua Ex.<sup>ª</sup> o Presidente da República decidiu atribuir à Liga dos Combatentes a Medalha de Ouro de Serviços Distintos.

Esta honrosa distinção que passará a figurar no nosso estandarte, ao lado da Ordem Militar de Torre Espada, Valor, Lealdade e Mérito, da Cruz de Guerra 1.<sup>ª</sup> Classe, da Ordem do Infante D. Henrique e da Ordem de Benemerência da Cruz Vermelha é, pelo que representa, a síntese feliz do reconhecimento do esforço continuado, distinto, relevante e glorioso, do comportamento ímpar, em tempo de paz e de guerra, dos combatentes que ao longo destes 82 anos de vida da Liga dos Combatentes, serviram Portugal. É um verdadeiro reconhecimento dos serviços prestados pela Liga dos Combatentes, como Instituição, a Portugal.

Como Presidente da Direção Central da Liga dos Combatentes e em nome do mais distinto ao mais humilde e anónimo membro desta Instituição, curvo-me perante tamanha distinção e recordo todos, mortos e vivos, do Fundador ao mais jovem membro, cujo comportamento justificou o ato de Sua Ex.<sup>ª</sup> o Presidente da República.

Não, não resolve os nossos problemas terrestres, mas reconforta os nossos mais profundos sentimentos morais e espirituais e permite-nos arrancar, com orgulho, do fundo da alma, o grito que nos une:

*Liga dos Combatentes  
Valores Permanentes!  
Liga dos Combatentes  
Em Todas as Frentes!*

O Presidente da Liga dos Combatentes  
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

## INAUGURAÇÃO DE MONUMENTO AOS COMBATENTES, ENTRONCAMENTO

27 de novembro de 2005

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmos. senhores

Presidente da Câmara Municipal do Entroncamento

Presidente da Assembleia Municipal

Entidades civis, militares e religiosas

Presidentes de Associações de Combatentes

Presidentes de Núcleos da Liga dos Combatentes

Presidente do Núcleo do Entroncamento da Liga dos Combatentes

Caros Combatentes

Minhas senhoras e meus senhores

Nesta cidade do entroncamento, centro geográfico de um Portugal que implantou neste lugar, o coração que alimentou as artérias de aço e ferro que conduziram e conduzem, ainda hoje, ao progresso das nossas gentes. Cidade onde os seus habitantes se habituaram a ver partir e a ver chegar, vindo de perto ou de longe, os seus entes queridos, em trabalho árduo na procura do pão de cada dia.

Que viu também ao longo dos séculos instalarem-se aqueles que tinham por missão defender Portugal. Também eles habituados a partir e a chegar.

Verdadeira plataforma giratória da vida nacional, nomeadamente do exército português, terra de trabalhadores de caminhos de ferro e de soldados é em síntese, um lugar de corpo duro e alma forte. Lugar de encontro e distribuição de gentes e recursos, onde o Tejo passa tranquilo, deixando imaginar no espelho de suas águas, tempos da fundação e dos templários, permitindo ver ao longe Almourol, materializa hoje mais um momento ímpar da sua existência, ao reconhecer com este padrão, os serviços prestados por aqueles que daqui partindo, lutaram ou morreram ao serviço dos interesses vitais e superiores de Portugal.

O Entroncamento, onde a homenagem ao trabalhador dos caminhos de ferro não foi esquecida, enriquece hoje o seu património cultural e aponta um caminho de reconhecimento à juventude, para com uma das componentes sociais que lhe deu vida e a honrou com os seus atos: o soldado de Portugal.

Ontem como hoje, em operações de guerra ou de manutenção da paz, houve e há portugueses lutando pelos interesses de Portugal, ao serviço das forças armadas e de segurança cumprindo determinações do poder político legítimo.

Por isso, ao evocarmos os portugueses do entroncamento caídos ao serviço do país na guerra do ultramar, erguendo este monumento, evocamos também aqueles que no passado ou nas recentes operações de paz perderam a vida, sublinhando os momentos de recolhimento que recentemente prestámos ao último que caiu, longe da pátria, mas lutando por ela, o sargento comando Roma pereira que pertencia àqueles “que fazem do perigo seu pão, do sofrimento seu irmão e da morte sua companheira”.

Com atos como os que aqui praticamos hoje, cumprimos também o dever de perpetuar a memória dos nossos maiores, que em África se bateram. Ao arquiteto e escultor o nosso agradecimento pela forma em como souberam transformar em arte os sentimentos mais profundos das gentes do entroncamento.

Obrigado senhor presidente da Câmara do Entroncamento por disponibilizar este lugar público e pelos apoios concedidos.

À direção do Núcleo do Entroncamento na pessoa do seu presidente, os meus parabéns pela forma entusiástica e dinâmica como materializaram este nosso objetivo.

Como presidente da Direção Central da Liga dos Combatentes, certamente interpretando o sentimento de Associações e de combatentes hoje aqui presentes congratulamo-nos por viver mais este momento de reconhecimento de factos históricos por nós vividos.

Mas não transformemos momentos como este em momentos de nostalgia, mas vivamo-los como um momento de alvorada, capaz de contribuir para iluminar e fortalecer os caminhos futuros de Portugal. Honremos e dignifiquemos os combatentes que no entroncamento da vida encontraram os caminhos da pátria.

O Presidente da Liga dos Combatentes  
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

## MENSAGEM DE NATAL

25 de dezembro de 2005

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

*Natal!  
Mais uma vez Natal!  
Uma trégua,  
Uma pausa,  
Uma reflexão,  
Um momento de paz!*

*Como se um inferno se fechasse,  
Mais um Céu se abrisse  
E o Mundo não mais chorasse!*

*Logo, mais uma vez sem trégua  
Mais uma vez sem pausa,  
Mais uma vez irreflexão.  
Mais um momento de guerra!*

*Mas hoje, é como se um céu se abrisse,  
Um inferno se fechasse  
E o Mundo para nós sorrisse!*

*É mais uma vez Natal!  
Feliz Natal!  
Para ti Portugal!*

O Presidente da Liga dos Combatentes  
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general